



Revista Eletrônica de Filosofia  
*Philosophy Eletronic Journal*  
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo  
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 16, nº. 2, julho-dezembro, 2019, p.275-277  
DOI: 10.23925/1809-8428.2019v16i2p275-277

Resenha de  
***EL SABIO CAMINO HACIA LA FELICIDAD:  
DIÓGENES DE ENOANDA Y EL GRAN MURAL EPICÚREO***  
de Carlos García Gual. Barcelona: Editorial Planeta, S.A., 2016.

**Rogério Lopes dos Santos**

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)  
rogeriolopes06@hotmail.com

\* \* \*

Publicado em Barcelona no ano de 2016, *El sabio camino hacia la felicidad* consiste em um trabalho de tradução realizado por Carlos García Gual – reconhecido escritor e pesquisador em Filosofia Antiga, visto ser autor de inúmeras obras nessa área. Em *El sabio camino hacia la felicidad*, Gual traduz para a língua espanhola alguns dos ensinamentos de Epicuro que constavam grafados em um grande muro da antiga cidade de Enoanda (região da Turquia) no século II (d.C.). O responsável por tal inscrição seria um epicureu chamado Diógenes, sobre o qual nada se sabe para além do que ele relata de si: (i) que era de idade avançada; (ii) que estava enfermo; (iii) e que tinha por objetivo deixar escrito em pedra, e ao alcance de todos, as ideias fundamentais de Epicuro (Diog. Oen. 3. 117).

A obra *El sabio camino hacia la felicidad* está estruturada da seguinte forma. Há o *Prólogo*, no qual o autor nos apresenta informações sobre: (i) o próprio Diógenes de Enoanda; (ii) o objetivo desse epicureu com a sua inscrição em pedra; (iii) sobre o muro no qual constavam tal inscrição; (iv) e, por fim, a relação entre a inscrição de Diógenes e o poema (*De rerum natura*) de Lucrécio. Do *Prólogo* se segue um capítulo escrito por Mireia Movellán Luis, o qual consiste em importantes apontamentos sobre: (i) a figura de Diógenes; (ii) o momento histórico no qual a cidade de Enoanda se encontrava no século II (período ao qual se atribui a construção do muro); (iii) o descobrimento e a estrutura da inscrição e dos blocos de pedra; (iv) os responsáveis pelo descobrimento e pela divulgação (em livros e artigos) do conteúdo presente nos blocos que formavam ‘o muro de Diógenes’. É somente após essa ‘introdução’ de Mireia M. Luis que chegamos ao objeto de tradução de Gual. Entre as traduções, temos: (i) os fragmentos relativos à Física (*physiologia*) epicurea; (ii) os fragmentos relativos à Ética epicurea; (iii) duas cartas

de Diógenes: uma endereçada ao seu amigo Antípatro, a outra endereçada a Dionísio e a Caro; (iv) uma breve seleção de *máximas*; (v) uma mensagem de Diógenes para a sua família e amigos; (vi) uma carta de Diógenes para a sua mãe; (vii) um epítome sobre a velhice.

Após as traduções, temos 24 páginas que compõem o “Comentário” de Gual acerca de todos os fragmentos, de todas as cartas e *máximas*, bem como do epítome de Diógenes sobre a velhice. Nesse “Comentário”, Gual explica, analisa e contextualiza todo o material traduzido, além de justificar as suas opções na tradução de certos termos gregos. No capítulo seguinte (*Filantropía epicurea. La inscripción de Diógenes de Enoanda y su afán benéfico*), temos uma interessante análise que busca evidenciar a filantropia tanto de Epicuro quanto de Diógenes – embora o termo *filantropo* (*philánthropo*) não apareça em nenhum dos textos remanescentes de Epicuro, existindo apenas nos fragmentos do muro de Diógenes –, do que se segue uma ‘história’ da noção de filantropia. Nesse capítulo, cabe chamar a atenção ainda para outros dois pontos abordados por Gual, a saber: (i) a ‘originalidade’ de Diógenes, ou seja, qual a sua contribuição genuína (se é que existe) para a Filosofia epicurea; (ii) em que medida a postura de Diógenes frente a doutrina de Epicuro se diferencia da postura assumida pelos estoicos frente a doutrina de Zenão de Cítio.

Encaminhando-se para o fim, Gual dedica um capítulo à reprodução da *Carta a Meneceu* e das *Máximas Principais* (*Kyriai Dóxai*) de Epicuro, ambas retiradas da obra *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, mais especificamente do Livro X, do doxógrafo grego Diógenes Laércio (III d.C.). Gual reproduz ainda um texto (uma espécie de ‘resumo’) feito pelo próprio Diógenes Laércio sobre a figura do sábio epicureu, e que serve de contraste com a descrição do sábio estoico contido no Livro VI da obra do doxógrafo em questão. Para Gual, a reprodução desses textos se justifica pelo fato de eles facilitarem ao leitor uma compreensão mais profunda, clara e completa da Ética epicurea.

Por último, temos o capítulo intitulado *Nietzsche y Epicuro*. Esse capítulo consiste em um artigo já publicado pela *Estudios Nietzsche* – como o próprio Gual salienta.<sup>1</sup> No capítulo em questão, Gual evidencia a simpatia de Nietzsche em relação à Filosofia epicurea. Isso é feito da seguinte forma: (i) ao atentar para o modo como Nietzsche se refere a Epicuro em diversas obras (por exemplo, em *A Ciência Nova*, *Humano Demasiado Humano*, *O Anticristo* e *Para Além do Bem e do Mal*); (ii) ao evidenciar a hostilidade de Nietzsche para com os estoicos (em oposição ao apreço cultivado por Epicuro); (iii) ao chamar a atenção para os argumentos dispendidos por Nietzsche ao fazer as suas críticas ao Cristianismo em *O Anticristo*; (iv) ao apresentar a oposição à Filosofia de Platão como ponto de convergência entre Nietzsche e Epicuro.

A título de conclusão, ressaltamos o valor bibliográfico que a obra *El sabio camino hacia la felicidad* possui para o estudo da Filosofia epicurea. Felizmente, o número de obras sobre o Epicurismo cresce cada vez mais, seja no âmbito nacional, seja no internacional. E o que é melhor: tais obras são fruto de um trabalho realizado por pesquisadores sérios, comprometidos com a reconstrução do pensamento

<sup>1</sup> Aqui é preciso esclarecer um ponto: de acordo com Gual, o texto *Nietzsche y Epicuro* foi publicado pela *Estudios Nietzsche: Revista de la Sociedad Española de Estudios sobre Friedrich Nietzsche* no ano de 2012 (GUAL, 2016, p. 125 \*). Há um equívoco nessa afirmação, pois, segundo consta no site da *Revista Nietzsche*, esse texto foi publicado em 2011. Cf.: <http://www.estudiosnietzsche.org/>

genuíno (tanto quanto possível) da mentalidade epicurea. Esse é o caso, no que se refere à produção em âmbito nacional, de obras como a do professor Miguel Spinelli, entre as quais destacamos: *Os caminhos de Epicuro* (2009); *Epicuro e as bases do epicurismo* (2013) e *Helenização e Recriação de Sentidos: a filosofia na época da expansão do cristianismo – séculos II, III e IV* (2015).

É sabido do esforço feito pelos estoicos e pelos Padres Apologistas em difamar Epicuro e os seus seguidores. Basta ler, por exemplo, o que escreveu Lactâncio, em sua obra *Instituições Divinas*, ou ainda, Clemente de Alexandria, em sua *Stromateis*. É sabido também que, de tais difamações (sobretudo daquelas que os Apologistas promoveram) resultou, por um lado, o desaparecimento das obras epicureas, por outro, a falta de interesse por essa Filosofia – que só é reanimada no século XVII, por Pierre Gassendi. É, pois, nesse cenário que afirmamos ser a obra de Gual uma nova fonte de elucidação genuína da mentalidade epicurea e, portanto, imprescindível para quem deseja conhecer (ou se aprofundar) na Filosofia de Epicuro.